

QUESTÕES TEÓRICAS E TENDÊNCIAS DA GEOGRAFIA HISTÓRICA

Patrício Aureliano Silva Carneiro*

Escola Preparatória de Cadetes do Ar

Resumo: Um dos grandes desafios dos estudos históricos reside na incorporação e análise dos *processos espaciais* e dos *elementos territoriais* responsáveis por influenciar as temporalidades e os eventos e por modelar e organizar o espaço no passado. No presente artigo, procuramos salientar a importância dessa articulação, discorrendo sobre as inter-relações entre as categorias tempo e espaço, história e geografia. Com base em bibliografia anglo-saxônica, revisamos os aspectos conceituais da geografia histórica, a contribuição dos principais estudiosos e as novas tendências e desafios desse plano de abordagem.

Palavras-chave: Geografia e história. Geografia histórica. Teoria e metodologia.

THEORY AND TRENDS OF HISTORICAL GEOGRAPHY

Abstract: One of the most significant challenges in the historical studies lies in the incorporation and analysis of spatial processes and territorial elements which influence temporality and events, as well as fashion and organize space in the past. The present article aims at emphasizing the importance of such relation as well as the connections between space and time, history and geography. Based on Anglo-Saxon bibliography, we review the conceptual aspects of historical geography, the most prominent authors' contributions along with the new trends and challenges of this approach plan.

Keywords: Geography and History. Historical Geography. Theory and Methodology.

QUESTIONS THÉORIQUES ET TENDANCES DE LA GÉOGRAPHIE HISTORIQUE

Résumé: L'un des grands défis des études historiques, réside, dans l'incorporation et l'analyse des processus spatiaux et des éléments territoriaux responsables d'influencer les temporalités et les événements, et de modéliser et organiser l'espace dans le passé. Dans cet article, nous essayons de souligner l'importance de cette articulation, en discutant les interrelations entre le temps et l'espace, l'histoire et la géographie. Sur la base de la bibliographie anglo-saxonne, nous passons en revue les aspects conceptuels de la géographie historique, la contribution des principaux chercheurs et les nouvelles tendances et défis de ce plan d'approche.

Mots-clés: Géographie et histoire. Géographie historique. Théorie et méthodologie.

*Doutor em Geografia Humana, professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, membro efetivo do quadro de docentes do Departamento de Ensino da Aeronáutica, coordenador da disciplina Geografia na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR). E-mail: patriciocarneiro@yahoo.com.br.

Introdução

Um historiador de Oxford, há mais de um século, observou que “a história não é inteligível sem geografia”. Hoje, no início do século XXI, como geógrafo de Cambridge, quero ressaltar que a geografia não é inteligível sem história (...). O entendimento de lugares requer uma perspectiva histórica e a compreensão dos períodos temporais requer uma perspectiva geográfica. Cada uma precisa da outra, cada uma é empobrecida sem a outra. Mais importante, cada uma é enriquecida pela outra. Reconstruir séries temporais de dados enriquece nossa compreensão histórica por si só, mas o valor geográfico é adicionado quando usamos, em combinação, a reconstrução de séries espaciais (Alan Baker).

Há tempos que o campo principal de análise da geografia histórica consiste na compreensão das relações entre as pessoas e o ambiente. Baker (2003, p.72) enfatizou que a relação dos povos com seus ambientes e de “culturas” com outras “culturas” têm intrigado gerações de estudiosos e alimentado uma legião de pesquisas geográficas. Mas o tema da *geografia histórica* é muito vasto e controverso, a ponto de alguns geógrafos e historiadores o descreverem como “a ponte da divisão”, subtítulo do livro mais importante do autor citado. No geral, persistem poucas criações individuais extraordinárias e os pesquisadores ainda possuem ideias distintas sobre o uso do passado.

O dogma de que a geografia seria apenas o estudo do tempo presente despontou, provavelmente, na geografia francesa do final do século XIX, quando, no momento da sua institucionalização como ciência, longos embates surgiram com os historiadores acadêmicos, que viam a geografia apenas como ciência auxiliar da história. Diante da necessidade de se construir um instrumental teórico e metodológico próprios, como a história estava preocupada com o passado, à geografia coube, portanto, o presente (ABREU, 2000). No entanto, as propostas de separação entre espaço e tempo, passado e presente, tanto na geografia quanto na história e, principalmente, na prática da geografia histórica, carecem de fundamentação teórica e metodológica.

Não há base lógica para diferenciar *geografia* da *história*, assim se pronunciou Guelke (1982). Ainda de acordo com este autor, embora os historiadores, na época em que escreveu o ensaio, estivessem preocupados com questões políticas e sociais – entendimento de períodos – e os geógrafos com a ocupação humana e o uso da terra – compreensão de lugares –, essas diferenças não teriam importância filosófica. Geografia e a história estão enraizadas na base material da existência humana: elas são análogas, complementares e interdependentes campos de estudo. Segundo Meinig, se estivermos interessados nos acontecimentos

emanados das tomadas de decisão e nos tipos de mudanças apresentadas pelas áreas, devemos voltar nossas atenções para o historiador e para o geógrafo ou, de forma integrada, para a geografia histórica (WYNN, 2005, p. 612).

“Passado” e “presente” são noções simplificadas de nossas concepções do tempo. Se o passado é o prólogo para o presente, o presente continuamente reforma o passado com novas ideias, abordagens e informações que nos permitem recuperar e desvendar as condições humanas anteriores. Conforme asseverou Mitchell (1987, p. 1-2), “tempo” não é o domínio exclusivo de um único conjunto de profissionais, conquanto, no mundo ocidental, geralmente, os historiadores têm sido considerados os guardiões especiais do passado humano. Terra-espaço, similarmente, é um conceito fundamental para muitos ramos da atividade intelectual organizada. E os geógrafos, principalmente, reivindicam o domínio desse campo para elucidar as relações existentes entre as pessoas e os lugares e seus reflexos na localização, no ambiente, na distribuição e nas expressões regionais.

Aportes teóricos da geografia histórica

O geógrafo histórico deve se preocupar com o estudo das mudanças no espaço e no tempo, além de investigar como e por que algumas das expressões pretéritas persistem no presente. No entanto, a recuperação do passado não é uma tarefa fácil. Inclusive em suas formas mais detalhadas, o pesquisador poderá reconstruir apenas uma pequena fração das ações humanas e dos eventos. Recuperar o passado geograficamente tem sido a tarefa de um conjunto específico de geógrafos em vários momentos da evolução da ciência geográfica, e, algumas vezes, eles foram ultrapassados pelos historiadores.

Nas duas últimas décadas, os estudos de geografia histórica têm envolvido um número crescente de historiadores e, principalmente, de geógrafos num crítico debate sobre a evolução do passado. No entanto, conforme apontaram Denecke (1982) e Baker (2003), em oposição às obras que versam sobre as mudanças geográficas e históricas de determinados lugares e períodos, há poucas pesquisas e ensaios publicados que investigam a geografia histórica por si como um campo de estudo, em seus aspectos teórico-metodológicos ou em termos das suas relações, proximidades e distinções com as disciplinas mãe¹.

A carência de um amplo debate teórico-metodológico no universo da geografia histórica faz desse campo de

¹Quando analisamos as publicações relativas ao campo da geografia histórica

estudo uma área com diversos problemas, apontados por Kucera (2008, p. 6) e listados a seguir: "baixo nível de coesão interna"; "natureza eclética da pesquisa"; indefinição do objeto e do sujeito de investigação; posição não clara entre historiografia e geografia; "natureza excessivamente descritiva", raramente explicativa e distanciada da busca de regularidades; aplicabilidade insuficiente dos resultados obtidos e conceituações, por vezes, "demasiadamente gerais".

Na década de 1950, Mitchell (1954) publicou uma obra intitulada *Historical Geography*, com temas dedicados às questões gerais da prática da geografia histórica, ao povoamento da Terra e à evolução das vilas e fazendas. Em que pese o esforço pioneiro da autora e o foco principal nas mudanças da Grã-Bretanha desde os tempos pré-históricos até o século XX, Baker (2003) ressaltou que, em relação à discussão geral sobre a natureza da geografia histórica, por trinta anos, a publicação citada se manteve como o único livro, de língua inglesa, a tratar da natureza do campo de estudo em questão. No capítulo introdutório do livro, Mitchell indaga o que é geografia histórica. Ela responde que, considerando as imprecisões das definições da geografia e da história, encontrar uma categorização para a disciplina seria um mistério ainda maior. No entanto, aponta a autora que, na compreensão do que seria esse campo de investigação,

(...) alguns vão mais longe do que a crença de que se trata de "velhos" mapas e consideram como um campo de conhecimento que se debruça sobre os relatos dos antigos marinheiros, dos viajantes e dos mercadores aventureiros medievais. Já outros acreditam ser uma tentativa doentia dos geógrafos para explicar a história e acham que o geógrafo histórico é, muito certamente, invasor e deva ser processado. (Mas), isto não é assim: o geógrafo histórico é um geógrafo em primeiro lugar, seja no passado ou em qualquer tempo. (MITCHELL, 1954, p. 1-2)

A geografia, no contexto em que Mitchell escreveu o ensaio, se definia pela descrição e pela explicação da localização e da distribuição dos fenômenos. Na opinião da autora, o objeto daquele campo era o estudo dos lugares, tanto em termos da individualidade quanto da generalidade, vistos como produtos das interações entre os povos e os ambientes. À geografia histórica cabia o estudo, geográfico, de um lugar específico no passado, por meio do corte de uma sequência de datas mais ou menos ordenada, com importância na compreensão da localização e dos assuntos humanos. A autora

em diferentes países, é possível notar que tais estudos foram publicados desde o século XVIII. Todavia, a maioria das publicações ou se enquadra, principalmente, em pesquisas de história geográfica ou aborda, especialmente, lugares e períodos, não teoria e metodologia da linha de investigação em foco.

²No contexto atual, entretanto, é preciso considerar a impossibilidade de distinção, de forma clara e fechada, de um ramo competitivo da ciência com elevado nível de integridade ou coesão interna e identidade suficientemente forte. Essa observação pode ser aplicada a qualquer uma das subáreas da geografia e, até mesmo, a outras ciências.

ainda deixou bem claro que, apesar da investigação do passado, o geógrafo histórico sempre seria um geógrafo, nunca um historiador.

A pesquisadora relatou que a análise dos acontecimentos históricos seria de domínio do historiador, preocupado com a civilização, enquanto a da superfície da Terra, do geógrafo. Se levássemos esse preceito à risca, muitos livros, em cujo título figura o termo *geografia histórica*, ao abordarem, principalmente, a civilização, não o lugar, não passariam de *história geográfica*. O elemento comum entre os dois profissionais estaria na perspectiva de compreender o padrão espacial no decorrer dos eventos. Destaque-se, contudo, que o geógrafo histórico deveria estar vinculado com a análise da geografia de um espaço em *qualquer momento* do tempo, pois, na opinião da autora,

(ele) não (poderia) estar preocupado apenas com a sobrevivência de padrões geográficos passados no presente ou com a evolução de padrões geográficos no tempo, mas com o estabelecimento e o estudo dos padrões em qualquer um dos dois tempos em particular. (MITCHELL, 1954, p. 14)

A geografia histórica deveria, então, se preocupar tanto com as permanências de características geográficas dos tempos passados nas paisagens atuais quanto com as mudanças geográficas ao longo do tempo. Mitchell (1954, p. 332) não tinha dúvidas de que o trabalho analítico do geógrafo histórico seria, em última instância, contribuir para a síntese geográfica, com o estudo do lugar em seus aspectos físicos e humanos. No capítulo final da obra, ela defendeu a necessidade de uma abordagem histórica em toda a ciência geográfica, e assim concluiu: "se a cada geógrafo histórico cabe versar sobre todas as partes da geografia, de fato, cada geógrafo é (ou deveria ser), em certa medida, um geógrafo histórico".

Na década de 1980, William Norton publicou a obra *Historical Analysis in Geography* (1984), um levantamento na perspectiva da discussão geral sobre a natureza da geografia histórica. Ele reconheceu três grandes preocupações da geografia, concentrando-se, particularmente, na terceira citada: a) as alterações geográficas através do tempo; b) o desenvolvimento da paisagem; c) e a evolução da forma espacial. Ao analisar a trajetória da geografia histórica, o autor argumentou que o cerne das preocupações desse campo durante os anos de 1960 e 1970 estava vinculado ao estudo da geografia do passado, das mudanças geográficas e das características históricas presentes nas paisagens atuais. Mas também declarou que as ideias e os métodos de análise dos padrões espaciais, cada vez mais adotados no âmbito da geografia em geral, tinham ainda pouco impacto sobre a geografia histórica.

O pesquisador, apesar de reconhecer os vigorosos debates entre os geógrafos históricos sobre questões como disponibilidade de dados, papel da teoria e da quantificação na pesquisa histórica e sobre as correntes alternativas ao positivismo como a fenomenologia, o idealismo e o estruturalismo, defendeu a perspectiva de uma análise espacial temporalmente orientada cujo foco dos estudos estaria na evolução das formas espaciais e no emprego de técnicas de simulação e métodos *contrafactuais*. Nas principais temáticas da geografia histórica (estudos regionais e de fronteira, análises da evolução dos assentamentos e da agricultura, transporte, paisagens urbanas e industriais e estudos populacionais), Norton (1984, p. 15) defendeu a abordagem das relações entre *forma* e *processo* através do tempo. Mas a sua obra teve impacto limitado, talvez pelo alinhamento com a geografia teórico-quantitativa.

Tanto a proposta de Mitchell quanto a de Norton, na opinião de Baker (2003), apesar de possuírem diferentes abordagens, apoiaram-se, exclusivamente, nos métodos e conceitos da geografia num momento em que os processos metodológicos dessa ciência estavam passando por crescente questionamento. Infelizmente, não abordaram, de forma coerente, a natureza da relação entre a disciplina citada e a história. Esta observação pode ser estendida a várias publicações em outras línguas³. Baker (2003) ainda relatou que há lições a serem aprendidas e armadilhas a serem evitadas. Ele cita a obra de Robin Butlin (*Historical Geography: Through the Gates of Space and Time*), publicada em 1993, que abordou os riscos com sucesso ao empregar uma perspectiva que sublinhou o caráter mutável da geografia histórica em si.

Na opinião de Butlin (1993, p. 47), "ainda há muito espaço para uma análise pormenorizada das relações, passadas e presentes, entre a geografia histórica e a história". Dos onze capítulos da sua obra, três examinam a prática da geografia histórica em diversas partes do mundo desde o século XVIII ao XX. Após um ensaio sobre fontes e dados, o autor apresenta um conjunto de capítulos com os seguintes temas: reconstrução dos ambientes físicos, geografias históricas das paisagens, do poder e controle social, da urbanização, da industrialização e das transformações rurais. Ao discorrer sobre aspectos como representação, identidade e poder, o autor articula o livro com questões proeminentes que caracterizam hoje as abordagens da nova geografia cultural e histórica, mas, ao abarcar desde a pré-história até o presente, englobando o mundo inteiro, foi criticado por omitir problemas específicos, períodos e lugares. Ele

³Historische Geographie (1969), de Helmut Jager, Method in Historical Geography (1977), de Toshio Kikuchi, Theory and Practice in Historical Geography (1979), de Ren-Zhi Hou, Geographie historique (1998), de Jean-Rene Trochet, An Introduction to Historical Geography (1993), de Zhang Butian, From Dynastic Geography to Historical Geography (2000), de Xiaofeng Tang, Ideas of Historical Geography (2000), de Weimin Que (BAKER, 2003, p. 13-14).

considerou a geografia histórica como

(...) o estudo da geografia dos tempos passados, mediante a reconstrução imaginária de uma vasta gama de fenômenos e processos-chave para nossa compreensão geográfica do dinamismo das relações e atividades humanas, tais como as mudanças na avaliação e uso dos recursos naturais e humanos, na forma e função dos assentamentos humanos e do ambiente construído, nos avanços em quantidade e formas de conhecimento geográfico, no exercício do poder e do controle sobre territórios e pessoas. (BUTLIN, 1993, p. 1)

O livro de Serge Courvill (1995), *Introduction à la géographie historique*, também merece destaque na opinião de Baker (2003). Conforme este autor, a obra citada constitui um guia para a prática da geografia histórica, com extensa revisão da história da geografia histórica e discussão das suas características. Ela aborda a formulação de problemas de pesquisa, destaca a necessidade de uma abordagem crítica frente às fontes históricas, o uso e a análise de dados qualitativos, quantitativos e cartográficos, os problemas de generalização e de síntese etc. Para Courvill, a geografia histórica é um campo de investigação originário da história, mas que adotou a geografia antes de concretizar sua independência de ambas as áreas do conhecimento. Ainda em sua concepção, ela não é uma disciplina ou subdisciplina, mas um campo interdisciplinar de investigação, alimentado pelas ideias, linguagens e métodos da geografia e da história, talvez uma maneira de resolver as tensões tradicionais entre as duas áreas⁴.

No universo das relações entre história e geografia, a obra de Alan Baker (*Geography and History: Bridging the Divide*), publicada em 2003, é o primeiro livro a examinar, exaustivamente, após um século, a interdependência das duas disciplinas⁵. Como geógrafo histórico de Cambridge, internacionalmente reconhecido, o autor focaliza o trabalho dos geógrafos e historiadores norte-americanos, britânicos e franceses, a relação dos historiadores com a geografia e dos geógrafos com a história, além de apresentar uma perspectiva global e

⁴Darby (2002), ao repensar a natureza da geografia histórica, de modo semelhante, não a considera como uma subdisciplina dentro da geografia, pois, para esse autor, os assuntos distintos a diferem tanto da geografia humana contemporânea quanto de outras disciplinas históricas.

⁵Há mais de um século, Hereford Brooke George escreveu um livro abordando as relações entre a geografia e a história (*The Relations of Geography and History*. Oxford: Clarendon Press, 1901). Como historiador, ele trabalhou com a premissa básica de que a história não é inteligível sem a geografia. Baker (2003, p. 7), geógrafo, ao escrever *Geography and History*, começa com a premissa complementar de que "a geografia não é inteligível sem a história". Entre 1901 e 2003, talvez, a única exceção a tratar de semelhante assunto foi a obra de Lucien Febvre, *La terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire* (Paris: La Renaissance du livre, 1922). Smith (2005) apresenta uma crítica taxativa, a meu ver improcedente, sobre o livro de Baker, argumentando que a obra, ao contrário da de Lucien Febvre, não traz avanços conceituais em termos de explicação da relação entre os fatos geográficos e os acontecimentos históricos, mas apenas aponta a diversidade das abordagens existentes para a compreensão das questões do tempo e do espaço. Já para Rumney (2005, p. 484-482), "o livro (de Baker) consiste em leitura obrigatória para os geógrafos históricos, para os historiadores geográficos e para qualquer pessoa interessada no passado e nas geografias desse passado".

interdisciplinar sobre a teoria e a prática da *geografia histórica* e da *história geográfica e ambiental*⁶. Baker conseguiu cobrir, com certa igualdade, três gerações de geógrafos históricos: a de Darby; a dos teóricos que exerceram influência posterior no campo; e a geração dele próprio.

Alan Baker defende a necessidade de um contato, em vez de separação, entre os objetivos e os métodos de geógrafos e historiadores, interação demonstrada, algumas vezes, em termos de interesses comuns, outras vezes, de projetos colaborativos. Para o teórico, geografia e história apresentam distintas maneiras de se olhar o mundo, mas complementares e interdependentes na forma de compreensão. As duas disciplinas se relacionam de tal modo que uma não pode, por interesse próprio, ignorar ou negligenciar a outra. Isso porque os fatos geográficos são indispensáveis para o historiador, assim como a experiência histórica é imprescindível para o geógrafo.

O pesquisador elaborou um diagrama para mostrar as possibilidades de intersecção entre as duas disciplinas. Ele chama atenção para o papel central da *geografia histórica* e da *história geográfica*, posicionadas na intersecção: a primeira, se preocupando com a dimensão histórica da geografia, e a segunda, com a dimensão geográfica da história. A geografia, a história, a geografia histórica e a história geográfica têm uma experiência compartilhada sobre uma vasta gama de assuntos: dirigem-se para problemas comuns e adotam as mesmas fontes; empregam técnicas semelhantes de investigação; exploram, com uma série de dificuldades, os conhecimentos e entendimentos de ambas as ciências naturais e sociais; além de serem parte do amplo espectro das humanidades ou das ciências históricas. A geografia histórica compartilha com os estudos históricos seus métodos de investigação, com os estudos geográficos, os problemas de análise. Na Antiguidade tardia, as duas disciplinas eram intimamente ligadas e inseparáveis, talvez, por isso, fornecendo alguma justificativa para os autores que hoje as utilizam de forma intercambiável. Mas, em função das diferentes posições epistemológicas entre ambas, elas oferecem perspectivas distintas sobre o passado e, por isso, como alertou Myres (1953, p. 62-63), "a geografia", inclusive a histórica, "não é história e não pode ser confundida com esta disciplina".

A geografia histórica procura aplicar uma perspectiva

⁶A história ambiental é um campo interdisciplinar, possuindo inspiração de abordagens que vão desde as ciências exatas às humanidades. Atrrelada à ecologia histórica, apresenta fronteiras confusas com a geografia histórica. "Ambos os campos possuem o mesmo assunto; indagam várias questões similares; e se diferem, principalmente, devido a aspectos de estilo, nuance e técnica" (MCNEILL, 2003, p. 9). Com estreita relação com as publicações geográficas, a história ambiental tem experimentado notável crescimento nos últimos 30 anos cujos trabalhos, especialmente os desenvolvidos por geógrafos, trazem novas abordagens teóricas e metodológicas sobre questões acerca da formação da paisagem, da mudança ambiental e das relações sociedade-natureza (NAYLOR, 2006).

distinta, exclusiva e espacial do ordenamento do mundo no passado. Na opinião de Donald Meinig, citada por Wynn (2005, p. 617), essa linha de análise traça metodicamente "desenvolvimentos sobre um momento do tempo", mas é "basicamente e perfeitamente geográfica", porque seu "foco persistente está sobre uma área singular", procurando compreender "como os homens lidaram com essa porção da terra"⁷. Na definição de Baker (1997, p. 241),

A geografia histórica é, de fato, um estudo histórico: seu foco de interesse reside na geografia de algum tempo passado ou nas alterações geográficas em algum período do passado. Assim, compartilha a legitimação intelectual e moral com todos os estudos históricos. Mas, a geografia histórica é, fundamentalmente, um estudo geográfico: suas perguntas são questões geográficas sobre o passado, ela oferece uma perspectiva geográfica sobre o passado. Ela produz uma contribuição distinta para o nosso conhecimento e compreensão do passado, fazendo assim, essencialmente, como geografia e não como história, mas como geografia histórica em suas muitas formas e não exclusivamente como uma geohistória ou história geográfica, que é meramente uma forma de geografia histórica. (Grifos nossos)⁸

A geografia histórica destaca a especificidade dos lugares. Ela enfatiza o distinto, os diversos padrões, processos e eventos geográficos observados, evidentemente, nos seus respectivos contextos históricos. Diferenças entre os lugares são de interesse intrínseco à geografia histórica, sejam elas entre o "mesmo" lugar em momentos distintos, ou entre lugares distintos durante o mesmo período temporal. Por isso, o método comparativo, às vezes, é utilizado para destacar tanto as diferenças quanto as semelhanças, a fim de melhor compreender os lugares e suas singularidades. Agora, a geografia histórica, pela particularidade dos estudos e do seu objeto, não pode ser feita, necessariamente, como peça de alguma grande narrativa ou de uma teoria histórica unificada. Principalmente porque os diversos lugares possuem rotas infinitamente variadas de mudança geográfica ao longo do tempo.

Na prática da geografia histórica, três aspectos, apontados por Kucera (2008), precisam ser considerados. O primeiro refere-se à necessidade de distinguirmos a geografia histórica da historiografia, por meio de uma ênfase maior no espaço em relação ao tempo. Isso

⁷Em sua obra sobre a formação da América, Donald Meinig deixou claro o que, em sua concepção, seria um estudo de geografia histórica. Assim se posicionou o autor: "eu não estou interessado apenas em compreender sobre o comportamento dos homens, mas como agiram e como criaram e alteraram os lugares em que estiveram envolvidos. Eu estou interessado em saber quais e como eram essas áreas nos tempos passados: as características específicas das suas paisagens culturais, as geografias sociais e os sistemas espaciais" (WYNN, 2005, p. 624).

⁸As perspectivas de Baker e Meinig, com poucas diferenças, parecem semelhantes à proposição de Donkin (1997, p. 247), quando este autor apresentou uma definição objetiva do geógrafo histórico: "pensando bem, eu seria um geógrafo histórico, buscando o melhor de ambos os mundos – um 'servo de dois senhores' –, a geografia e a história".

implica construirmos uma disciplina essencialmente preocupada com a organização da esfera geográfica da paisagem no período temporal determinado, e não uma ciência que lida com a descrição cronológica da evolução de um fenômeno específico. Em segundo lugar, é necessário ampliarmos o diálogo sobre a natureza da percepção do tempo e do passado na geografia histórica, sobretudo acerca do objeto e do assunto de investigação. Isso, talvez, nos permitirá a busca e a verificação de processos gerais. Em terceiro lugar, a geografia histórica não pode se contentar em apenas descrever e explicar a evolução temporal dos elementos selecionados na paisagem através de um método retrospectivo, mas deve estar preocupada com a compreensão da complexidade e do funcionamento das paisagens passadas⁹.

Se existe certo consenso sobre o plano de abordagem da *geografia histórica*, não há semelhante concordância com a *história geográfica* cujo uso é variável e o estatuto epistemológico ambíguo. Um dos primeiros autores a utilizar este termo foi Paul Vaillant, em 1749, na obra *A Geographical History of Nova Scotia* (Londres: Printed for Paul Vaillant). Nessa publicação, o pesquisador analisou a geografia física da Nova Escócia, a história do povoamento e o potencial de desenvolvimento. Apesar do longo tempo transcorrido desde a publicação desse estudo, infelizmente, o crescimento da produção teórica sobre a história geográfica não acompanhou o da geografia histórica e, embora a ideia da geografia por trás da história, ou seja, da *história geográfica*, seja hoje aceita, sua prática tem sido amplamente descartada (WILLIAMS, 2002; BAKER, 2007b).

A *história geográfica*, ou, para alguns, também denominada *geo-história*, é um ramo da ciência histórica, fundada, principalmente, por um conjunto de historiadores franceses que procuraram incorporar a interpretação geográfica na história. Influenciada pela chamada "Escola dos *Annales*", esse campo surgiu no início do século XX e provocou a ruptura com a historiografia tradicional pautada nas narrativas. A historiografia vigente na época passou a ser desconstruída pelo movimento de renovação da "Nova História", cujos preceitos defendiam uma análise científica dos problemas, a valorização da pesquisa e o diálogo com outras disciplinas, a exemplo da geografia. Os principais expoentes da interpretação geográfica na história foram Henri Berr, Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel¹⁰.

Na concepção de Fernand Braudel, um projeto em *geo-história* precisa, necessariamente, compreender historicamente os contextos espacial e ambiental

⁹A terceira postura, além de ajudar na popularização da historiografia, da geografia e da própria geografia histórica, poderá ajudar a estabelecer as bases para o desenvolvimento da cooperação interdisciplinar dos geógrafos com especialistas de outros ramos.

¹⁰Na opinião de Lourenço (2007) e Ribeiro (2008), a *geo-história* é o encontro de

das atividades humanas e, se possível, envolvê-los no mapeamento. Para o historiador francês, essa linha de interpretação investiga a imposição do meio sobre os homens, a fricção do espaço, realçando os condicionamentos e as limitações. É a investigação da ação humana na apreensão do espaço, a luta dos grupos sociais para conseguir vencê-lo, suportá-lo, à custa de trabalhos duros e penosos. "É o estudo de um duplo vínculo, da natureza ao homem e do homem à natureza", de uma "ação e de uma reação, misturadas, confusas, recomeçando sem cessar na realidade cotidiana" (BRAUDEL, 1997, p. 73). Essa forma de abordagem visa produzir historiadores cientes da importância geográfica e geógrafos sensíveis à interpretação histórica¹¹.

Em termos teóricos, é possível distinguirmos *geografia histórica* da *história geográfica*, apesar de, na prática, os elementos distintivos desaparecerem e a divisão se tornar mero formalismo acadêmico. Baker (2003) apontou que uma diferença fundamental entre as duas disciplinas, se é que ela pode ser levada a cabo sem problemas, é expressa em termos do *foco da história sobre períodos* e da *geografia sobre lugares*, reconhecendo que tanto os períodos quanto os lugares foram (e são) povoados/construídos por pessoas. Então, os geógrafos históricos nos contam histórias sobre como os lugares foram criados no passado pelas pessoas, enquanto os historiadores nos relatam histórias, de outro modo, sobre como os períodos foram construídos no passado por esses personagens. Nas análises, em que pese as articulações entre a geografia e a história, não precisamos inquirir exatamente as mesmas perguntas, pois há muitos caminhos e vários destinos históricos e geográficos. Por isso, Baker (2003, p. 4) destacou que:

Se aspectos como o período, o local e as pessoas são exemplos de sobreposição de interesses entre as duas áreas, em seguida, o cruzamento desses três elementos pode ser descrito como a *geografia histórica* e a *história geográfica*. Qualquer diferença na prática das duas disciplinas será reflexo da origem intelectual específica, da distinta bagagem cultural e das preferências individuais que cada pesquisador traz para suas investigações.

três projetos intelectuais forjados no final do século XIX e início do XX: a geografia humana vidaliana, a geografia alemã e a historiografia dos *Annales*. Delas se extrairá, respectivamente, a associação homem-meio, o trinômio espaço-economia-sociedade e a pluralidade do tempo. Para Baker (2007a), a discussão e a elaboração da *geo-história* como conceito deve-se a Charles Higounet, que a tomou como um método que enfatiza a importância da localização dos eventos históricos e do mapeamento dos dados. Ela é uma linha de investigação que também se propõe espacializar o tempo e temporalizar o espaço.

¹¹Na primeira edição da obra *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo* na época de Philippe II (1949), Braudel empregou o termo *geo-história* no capítulo intitulado *Géohistoire et déterminisme*. Entretanto, na segunda edição da mesma obra, o autor suprimiu o capítulo. Considerando que, para Braudel, os fatos históricos têm sempre, em maior ou menor grau, certas condições geográficas de partida, pré-requisitos para o desenvolvimento posterior e para explicação dos eventos, Daix (1999, p. 278) considera que o historiador francês renunciou ao neologismo da "*geo-história*". O uso dessa expressão parece realmente desaparecer nas obras do historiador francês após 1949. Como apontou Ribeiro (2008, p. 259), não houve abandono da *geo-história*, pois isso significaria renunciar à própria ideia de história tal como Braudel a imaginava e a praticava. Ocorreu, na verdade, a sua substituição pela noção de espaço.

Com a finalidade de investigar outras possíveis relações da geografia com a história, Baker (2003) elaborou um segundo diagrama, no qual emprega "estruturas", denominadas pelo autor de *paisagem*, *ambiente* e *localização*. As categorias formadas da intersecção dessas estruturas são um instrumento útil para a discussão da natureza da geografia histórica e servem tanto para a história quanto para a geografia, contra a separação destas e para a reformulação de um novo híbrido acadêmico. São elas: *geografias e histórias da localização espacial* (onde as coisas se encontram e por que elas estão naquele lugar); *geografias e histórias ambientais* (como os seres humanos se adaptam e são adaptados ao espaço em que vivem); e *geografias e histórias da paisagem* (causas e consequências da forma visível dos lugares).

O pesquisador ainda salientou que o principal universo relacional da geografia com a história reside no âmbito da *geografia regional*, ou seja, das *geografias e histórias regionais*. Entretanto, destacou que não pode haver limites entre as formas de abordagem e, portanto, os escritos geográficos não deverão se restringir especificamente a uma ou a outra área. Desde o final da década de 1980 que Baker (1987, p. 1-2), ao assumir a função de editor do *Journal of Historical Geography*, já evitou apresentar um limite rígido para o objeto desse campo de estudo. À época, o teórico assim se expressou: "a preocupação da revista não deve ser a definição exata e a rigorosa fiscalização das fronteiras da geografia histórica". Essa disciplina deve ser "ecclética e liberal: nenhum dogma particular sobre a sua natureza pode ser aceito. O estudo de qualquer problema, período ou lugar no passado não deve ser proibido".

A acentuada abertura do campo da geografia histórica é positiva e caminha na perspectiva da maioria das definições atuais dessa linha de investigação, que enfatiza o aspecto da diversidade disciplinar. Para Baker (2003), essa ampla abertura faz da geografia histórica um campo de estudo eclético, fonte de sua força e fraqueza, um campo de investigação independente, com conceitos próprios, situado entre a historiografia e a geografia, portanto, nas fronteiras disciplinares. Por meio da combinação do espaço com o tempo e das relações entre homem e natureza, a geografia histórica investiga o desenvolvimento e as mudanças do ambiente geográfico no passado, as causas dessas modificações, suas consequências e as regularidades correspondentes. Ela renova os laços antigos entre história e geografia, seja para o benefício mútuo ou ainda para promover uma reassimilação revigorante na geografia e na história como um todo. Nesse sentido, ela pode ser um novo começo para o alargamento dos horizontes geográficos

dos historiadores e o aprofundamento da compreensão histórica dos geógrafos.

Novas tendências e desafios da geografia histórica

As relações entre a história e a geografia continuam a exercitar a mente dos geógrafos históricos. Mas os estudos recentes guardam poucas semelhanças com aqueles realizados no início e até meados do século passado. Geógrafos históricos abandonaram sua predileção anterior pelo determinismo ambiental e têm buscado compreender, principalmente, a transformação e a modificação da terra, bem como a natureza e a finalidade da abordagem histórica na geografia. Tanto os historiadores quanto, principalmente, os geógrafos expandiram o leque de temas que abordam e de disciplinas com as quais se relacionam, recorrendo a um conjunto crescente de teorias, adotando, inclusive, diferentes perspectivas sobre a geografia histórica. Para Baker (1994, p. 455), "existe agora um discurso genuinamente internacional desse campo de investigação e um reconhecimento amplamente aceito de que cada problema geográfico precisa ser historicamente situado".

Os estudos atuais se preocupam em descrever, explicar e compreender as mudanças ocorridas nas localidades e regiões, nos países e continentes, abraçando vários aspectos possíveis da atividade humana e diversas características do mundo natural. Na opinião de Claval (1981, p. 669-671), a nova geografia histórica moderna reexamina o passado "não mais motivada apenas por uma fascinação com as formas de organização mais perfeita, mais harmoniosa", mas preocupada com o "desejo de explicar a gênese de nosso mundo e entender melhor, através das muitas experiências oferecidas pela história, a expressão espacial das imagens sociais e culturais". Richard Schein, em texto citado por Baker (2003), assinalou que os temas diversos representam novas direções e, talvez, até mesmo uma ruptura na tradição da geografia histórica, com forte tendência de envolvimento com a prática crítica e reflexiva contemporânea nas ciências sociais e humanas. Richard Schein ainda destacou que o remodelamento do campo de investigação possui uma dupla finalidade: a) trazer para a disciplina os debates teóricos e metodológicos das escolas pós-positivistas; e b) despertar uma nova geração de estudiosos comprometidos com a forma não tradicional da área.

Uma inspeção minuciosa nas conferências e reuniões internacionais da ciência geográfica e da geografia histórica e nas revistas especializadas deste campo

sugere que o ecletismo, há muito tempo presente na disciplina, está mais evidente. Observa-se uma grande diversidade de assuntos abordados, com certas permanências, mas, especialmente, várias mudanças. Essas características se tornaram evidentes na 90ª Reunião Anual da American Association of Geographers, ocorrida em 1994 na cidade de São Francisco. Num dos espaços desse fórum, dedicado particularmente à geografia histórica, o conjunto dos artigos apresentados esteve centrado em novos temas como classe, raça, gênero e povos indígenas. Michael Conzen, ao comentar a atuação desse grupo de trabalho, concluiu que:

(...) o campo de investigação da geografia histórica entrou, assinaladamente, numa nova fase, marcada pela produção de pesquisas maduras, por um rico e crescente debate sobre os conceitos e interpretações históricas e pelas tentativas renovadas de apresentação da síntese, com níveis de complexidade historiográfica antes inimagináveis. (BAKER, 1994, p. 452)

Outro exemplo da nova diversidade existente nos estudos de geografia histórica encontra-se nos artigos apresentados em 2002 na Conferência Anual da Royal Geographical Society com o Institute of British Geographers (IBG), realizada na cidade de Belfast, Irlanda do Norte. No grupo de discussão sobre geografia histórica, o ecletismo de temas foi amplamente notável, confirmando, assim, os ganhos decorrentes dos estudos interdisciplinares. Na concepção de Strati e Marshall (2003), o crescimento na análise das fontes documentais, tanto em termos de amplitude e de profundidade quanto conceitual e empírica, indica a atual vitalidade da disciplina. E, embora o campo da geografia histórica esteja bem apoiado no sentido histórico, muitos artigos se enquadram na perspectiva dos últimos desenvolvimentos teóricos sobre a paisagem, a ecologia e o lugar, abordando ainda questões sobre patrimônio, identidade, meio ambiente, poder e exclusão, reforçando, dessa forma, a heterogeneidade.

Nos anos de 2006 e 2009, aconteceram a XIII e XIV International Conference of Historical Geographers, respectivamente nas cidades de Hamburgo e Kyoto. As sessões foram dedicadas aos seguintes temas: teoria, história e prática da geografia histórica; ciências humanas e Sistemas de Informações Geográficas; mapeamento, levantamento e conhecimento geográfico; natureza e mudanças ambientais; população, saúde e bem-estar social; pequenas e grandes explorações agrícolas; urbanismos e ambientes construídos; industrialização e capitalismo; redes, comunicação e globalização; turismo, esporte e recreação; uso e disponibilidade de fontes (mapas, inquéritos); técnicas de análise disponíveis; herança e conservação da paisagem; poder, imperialismo e colonialismo; evolução de paisagens urbanas e rurais;

construção e circulação do conhecimento geográfico no período colonial; geografias históricas da Ásia Oriental; e cartografia histórica, que se destacou entre as demais (WYNN; BAKER, 2007; DRIVER; WYNN, 2008; WYNN; DRIVER, 2010). O foco dos artigos apresentados atesta a grande variedade de temas e abordagens.

Na atualidade, não existe uma tradição única ou monolítica na geografia histórica, e "o redemoinho de distintas abordagens para diferentes passados continua" (RADFORD, 1990, apud DENNIS, 1991; HOLDSWORTH, 2002, p. 677). A produção acadêmica confirma o pluralismo intelectual dessa área do conhecimento (tanto ao longo do tempo quanto de lugar para lugar), sobretudo em termos de diversidade dos problemas tratados, tipos de abordagens e, inclusive, de metodologias empregadas. Cada continente, país ou região tem suas próprias questões históricas e geográficas, suas próprias fontes e tradições intelectuais e acadêmicas. Nos Estados Unidos, por exemplo, há diferentes "escolas" de geografia histórica, como a associada a Carl Sauer (1889-1975) e a fundada por Andrew Clark (1911-1975). No Canadá, questões teóricas e tipos de abordagens diferentes são encontrados em Graeme Wynn. Na Grã-Bretanha, há distinções entre a "escola" de Henry Clifford Darby (1909-1992) e a de Herbert John Fleure (1877-1969) e Emrys George Bowen (1900-1983). Práticas distintas ainda são observadas nas abordagens da geografia histórica alemã e francesa e entre países capitalistas e ex-socialistas.

Alguns dos novos temas da geografia histórica incluem as seguintes abordagens: urbana, do turismo, da compressão espaçotemporal, das mudanças pós-socialistas, do planejamento e da conservação das paisagens, dos mares e oceanos, das aplicações do *GIS histórico*, do movimento feminista, da vida social, da diáspora judaica, da prostituição, das diferenças e das identidades religiosas e comunitárias, do poder e da modernidade, da crítica da arquitetura, humanista, do Direito, das ideias e do pensamento científico, da história ambiental, da saúde, dos impérios antigos e da cartografia colonial etc., as duas últimas seguindo a tradição histórica do campo disciplinar (CARNEIRO, 2013, p. 64-66).

No universo das escalas, há estudos regionais, nacionais e continentais. Embora exista a predominância de alguns temas tradicionais (colonialismo, cartografia e mudanças econômicas e morfológicas de espaços urbanos), com foco em investigações regionais, do ponto de vista da escala "é mais provável que as geografias históricas modernas incorporem, simultaneamente, o local e o global, em vez de se limitarem à base regional" (GRAHAM; NASH, 2000, p. 676). Em termos de cobertura

temporal, Jones (2004) destacou o fato de as análises se concentrarem, cada vez mais, em processos e padrões do passado recente, ao contrário dos tempos pré-modernos, cujas justificativas, entre outras, residem nos esforços atuais para garantir que a investigação geográfica tenha alguma relevância prática ou política, na inexistência e nas dificuldades de tratamento empírico de fontes para períodos da época pré-moderna ou anterior e na imposição de importantes órgãos de financiamento público de pesquisas.

As mudanças no assunto abordado pela geografia histórica não importam tanto se compararmos ao plano da teoria e da prática desse campo disciplinar cujos avanços ocorrem mais em progressão aritmética do que geométrica (BAKER, 2003). A prática da geografia histórica e seu exercício como disciplina ou subdisciplina carecem de problemas em seu estatuto epistemológico e apresentam grandes desafios para caminhar na perspectiva de oferecer importantes contribuições interdisciplinares para o conhecimento e a compreensão. Para Ogborn (1999, p. 97), não obstante a grande variedade de conceituações das relações entre história e geografia, "as declarações observadas nunca conseguem lidar, adequadamente, com a miríade de complexidades envolvidas nas linhas de influência e de conexão das duas disciplinas".

Holdsworth e Kobayashi (1996) formularam algumas indagações sobre a natureza da geografia histórica. Uma delas questiona o que os geógrafos dessa área têm em comum, intelectualmente e socialmente, já que eles se debruçam sobre temas um tanto específicos. Os autores asseveram que, apesar do valor e do interesse intrínseco que tais pesquisas possam ter, pode não haver, necessariamente, um estímulo para investigações similares ou a construção de padrões de interesses de pesquisa a médio e longo prazos. De fato, como enfatizou Baker (2003), cada pesquisador prossegue o seu próprio caminho, tornando-se envolvido com o período, o local e os atores que optam por estudar no passado. Muitas vezes, os focos de investigação de uma geração são abandonados ou negligenciados por pesquisadores de outra geração, os quais preferem definir sua própria agenda.

A variação e a extensão da geografia histórica, ou seus limites fluidos e maleáveis, implicam uma série de desafios a serem assumidos pelos profissionais dessa linha de investigação. Para Earle (1995), é difícil dizer quem é um geógrafo histórico e quem não é, pois esses profissionais, não poucas vezes, possuem nexos teóricos, temáticos e institucionais mais estreitos com pesquisadores de outras disciplinas ou áreas da geografia do que com os próprios geógrafos históricos.

Isso, talvez, explique a inexistência de uma base teórica consolidada, com fronteiras bem definidas, na disciplina atual. Por outro lado, a base institucional e disciplinar dessa linha de investigação apresenta um paradoxo frente aos desenvolvimentos mais recentes: ao mesmo tempo em que o interesse pelo campo aumenta, a geografia histórica se fragmenta. Sobre essa questão, transcrevemos, a seguir, o comentário de Shawn Ausdal.

Ao estudar um campo amplo de dinâmicas sociais, os geógrafos históricos tem se movido em uma multiplicidade de novas direções e perdido muito da prévia unidade. O campo de pesquisa tem se fraturado em novas linhas temáticas, conceituais e políticas, perdendo até seu sentido de identidade e propósito comum. Como resultado, vários geógrafos históricos temem que sua subdisciplina desapareça como área diferenciada da geografia. Porém, essa fragmentação não tem diminuído o número nem a qualidade dos trabalhos. (AUSDAL, 2006, p. 214)

Para os pesquisadores que consideram o novo pluralismo e as pesquisas interdisciplinares duas situações desafiadoras, o crescimento das atenções e das preocupações para as múltiplas vozes e perspectivas do passado é motivo de comemoração. Já para os que lamentam a fragmentação intradisciplinar e a desintegração da história e da geografia em divisões cada vez mais especializadas é razão de tristeza. Se, por um lado, a ampliação da geografia histórica, além de seus limites anteriores, faz dessa linha uma área fragmentada, por outro, integra questões epistemológicas estimulantes e renovadas. Talvez, pela consideração exclusiva de que a fragmentação disciplinar é prejudicial, o dinamismo do campo muitas vezes passa despercebido e não são poucos os geógrafos que se sentem marginalizados dentro dessa linha de investigação.

A diversidade na geografia histórica pode ser vista tanto como uma oportunidade, pois leva em conta as especificidades dos eventos e dos lugares e caminha na perspectiva de uma interdisciplinaridade fértil, importante para uma reconfiguração das bases disciplinares e para a construção de novas percepções e abordagens, quanto um desafio, visto que carece de uma definição precisa, dado seu caráter extremamente heterogêneo, situação que pode ser destrutiva das características disciplinares existentes (BAKER, 2003). Este autor, que acredita mais na potencialidade do hibridismo e da heterogeneidade da geografia histórica, relatou que não esperaria que os pesquisadores num futuro próximo (uma ou duas décadas) estivessem entusiasmados com os mesmos problemas e se restringissem à utilização das fontes e técnicas que hoje atraem a atenção da geografia e da história.

Na opinião de Donkin (1997, p. 264), se, por um lado, a "descentralização" sinaliza um perigoso processo de

"desconstrução" da disciplina, por outro, aponta um novo papel para aqueles que se consideram geógrafos históricos. Esse autor assevera que a geografia é um campo que "deve mesmo atrair, em vez de expulsar", se é para permanecer "intelectualmente vibrante", pois precisamos das habilidades de outras áreas do conhecimento, caso queiramos resolver as questões que devidamente perguntamos e outros desprezam. Teóricos como Heffernan (1997, p. 2), ex-editor do *Journal of Historical Geography*, também veem um futuro otimista frente à acentuada diversidade da geografia histórica. O pesquisador, ao classificar o referido periódico de "refúgio do ecletismo inteligente", considera que alianças disciplinares tradicionais, assim como ideologias políticas e estruturas econômicas, estão se desmoronando em um fluido mais caleidoscópico de reformulações, reconfigurações e desconstruções, potencialmente mais libertador. Em sua opinião, esse novo contexto exige que as fronteiras da geografia, da história e de diversas outras disciplinas sejam, habitualmente, transgressivas e subversivas. Vejamos sua opinião, a seguir transcrita.

Para aqueles que consideram o ecletismo e o "caos" conceitual um risco à integridade intelectual da geografia histórica como um projeto acadêmico, gostaria de fazer um prospecto alternativo mais otimista para o futuro. A geografia histórica é, acima de tudo, uma disciplina híbrida e, portanto, susceptível de se beneficiar de uma tendência generalizada. Ela é igualmente compreensível na América do Norte e na Europa quando se trata das categorias intelectuais convencionais através das quais o mundo moderno é interpretado e conceituado. (HEFFERNAN, 1997, p. 2)

Avanços na epistemologia da geografia histórica e na definição desse campo de estudo passam, fundamentalmente, pelo aprofundamento da discussão dos importantes trabalhos teóricos escritos nessa área. E, principalmente, pela compreensão dos conceitos de *tempo e espaço*, categorias básicas da existência humana, raramente discutidas, pois, segundo Harvey (2002), tendemos a tê-las por certas, atribuindo-lhes significações do senso comum ou autoevidentes. Outro aspecto fundamental é examinarmos o que compreendemos por geografia no universo da *geografia histórica*, que não pode se resumir a uma síntese da geografia e da historiografia. Nessa discussão, a observação de Zdeněk Kučera, a seguir reproduzida, é pertinente.

Estamos lidando com tentativas de aplicar abordagens geográficas na historiografia ou utilizando-se de certos aspectos da geografia, naturalmente os métodos geográficos, para tratar de temas no passado, semelhante ao que se faz na chamada "geografia do presente". (Mas), o problema fundamental da

autodefinição da geografia histórica não reside em compreender o significado de "histórico" no título de duas palavras, mas sim, no fato de que ainda não está claro o que entendemos por "geografia". A historicidade da geografia histórica parece ser enfatizada muitas vezes, enquanto sua relação com a geografia permanece completamente despercebida. (KUCERA, 2008, p. 7)

Outro problema da geografia histórica relaciona-se à sua característica de *ciência idiográfica*, preocupada com as singularidades e peculiaridades de lugares específicos durante certos períodos do tempo (BAKER, 2003). Segundo Kucera (2008), caso considerarmos a geografia histórica dessa forma, tornar-se-á impossível a generalização dos resultados da sua investigação, e a pesquisa se reduzirá a uma mera criação de estudos de caso com enfoque na singularidade de um determinado lugar e período de tempo. De fato, resultados diversos dos estudos desse campo de investigação são difíceis de ser aplicados em outros lugares. Mas, segundo o autor, se a geografia histórica pretende ampliar o seu estatuto atual e empregar os conhecimentos resultantes de suas próprias pesquisas, ela deve integrar tanto a abordagem idiográfica quanto a nomotética. Ou seja, deve procurar as especificidades e as regularidades no desenvolvimento da organização geográfica do passado.

No contexto atual de interdisciplinaridade ou fusão de fronteiras disciplinares, vários autores questionam se a geografia histórica é propriamente um corpo distinto de conhecimento ou anexo das disciplinas de história e geografia, conforme sua maior preocupação com o tempo ou com o espaço. De forma geral, a concepção da geografia histórica como um campo distinto de estudo tem sido contestada. Para Baker (2003, p. 34), não é produtivo apresentar uma "definição purista da geografia histórica como disciplina ou subdisciplina", mas "discutir os seus méritos como projeto interdisciplinar", capaz de oferecer uma série de perspectivas distintas sobre as pessoas, os lugares e os períodos no passado. Também na opinião de Kucera (2008), se considerarmos que a geografia histórica é um campo que combina espaço e tempo, ciências naturais e sociais, não há dúvidas de que ela, pela sua própria natureza, é um ramo interdisciplinar.

A geografia histórica não deve e não pode caminhar para a fusão total do conteúdo usual de história e geografia, mas construir combinações das dimensões básicas desses dois campos conforme as características e as mudanças recorrentes nas duas disciplinas, num processo de mistura contínua das fronteiras. Dessa interação não devemos almejar a noção de perfeição. O rompimento dos limites disciplinares é positivo e busca a promoção de um maior contato, não a formação de uma disciplina ou ciência superior com métodos e conceitos independentes, melhor posicionada para

interpretação das categorias espaço e tempo. Baker (2003), ao concluir sua obra principal, enfatizou que história e geografia já estão unidas por uma ponte, mas que poderia ter um tráfego maior. Neste caso, é de competência dos geógrafos e historiadores a tarefa da promoção de um contato cada vez mais intenso, fruto da interação criativa entre dois campos distintos, mas complementares, seja em termos de metodologias de abordagem, assuntos e objetos trabalhados ou de tradições, culturas acadêmicas e renovações em curso.

Considerações finais

Na trajetória de evolução da geografia histórica, uma vasta literatura tem se acumulado sobre as relações entre as disciplinas *geografia* e *história* desde o século XVII. A partir de 1950, essa linha de abordagem apresentou uma sistematização teórico-metodológica, advinda, particularmente, das contribuições de Henry Darby, Andrew Clark, Carl Sauer e Donald Meinig. Esses pesquisadores lutaram pela incorporação do tempo nas análises geográficas e mostraram que pensar historicamente é parte essencial do ato de fazer geografia humana. Passados sessenta anos, a produção acadêmica internacional caminha numa perspectiva contrária à da separação entre os dois campos (geografia e história), e as temáticas de abordagem e linhas de investigação acompanham as tendências dos paradigmas da geografia e de outras ciências sociais e humanas. Em países como Inglaterra, França, Estados Unidos, Canadá, Japão e Austrália, a disciplina conseguiu formar um universo de pesquisa respeitado e se impor pela qualidade dos quadros profissionais e da produção teórica e empírica. No Brasil, apesar das importantes criações individuais, a exemplo das de Maurício de Almeida Abreu e Pedro de Almeida Vasconcelos, a área ainda carece de instrumentais teórico-metodológicos e, não poucas vezes, é confundida com história do pensamento geográfico, estudo da paisagem ou influência ambiental na história.

Um dos grandes desafios dos estudos históricos reside na incorporação e análise dos *processos espaciais* e dos *elementos territoriais* responsáveis por influenciar as temporalidades e os eventos e por modelar e organizar o espaço no passado. O pesquisador em geografia histórica deve se preocupar com o estudo das mudanças no espaço e no tempo; buscar em eventos e épocas pretéritas as *variáveis geográficas* e os *aspectos territoriais* chaves para compreensão dos contextos passado e presente, que possuem influência decisiva nos processos e acontecimentos históricos e que irão

explicar a configuração e a organização do espaço em foco. Por princípio, as indagações devem ser questões geográficas sobre o passado como a imposição do meio sobre o homem e as possibilidades e formas/técnicas por ele adotadas para apreender e transformar o ambiente; o papel do espaço na viabilização dos interesses dos grupos sociais; as relações de poder engendradas no exercício da formação e consolidação de territórios e os principais rebatimentos no ordenamento espacial; os processos históricos explicativos da configuração geográfica estudada ou a(s) consequência(s) espacial(is) dos eventos decisivos; entre outras questões. Investigar o passado demanda, essencial e necessariamente, o conhecimento dos arquivos, a pesquisa e a interpretação dos documentos preservados. Mas, no estudo de uma realidade extinta, o uso de teorias do presente, a parcialidade e a irregularidade temporal e espacial das fontes nos ajudarão a reconstruir apenas uma pequena fração das ações humanas e dos eventos.

Na literatura acadêmica sobre geografia histórica existe uma diversidade de publicações que versam sobre as mudanças geográficas e históricas de determinados lugares e períodos, os chamados *estudos de caso*. Porém, pesquisas e artigos dedicados ao universo da teoria e da metodologia desse campo de análise são escassos. Essa carência produz várias consequências para a área de investigação, tais como: base institucional e disciplinar fragmentada, ecletismo de assuntos e linhas de abordagem, confusão com a historiografia, indefinição do objeto e do sujeito de investigação, natureza particular, excessivamente descritiva e raramente explicativa, e aplicabilidade restrita dos resultados obtidos. As tendências atuais das pesquisas em geografia histórica, por outro lado, representam novas direções: elas sinalizam uma ruptura com temas e abordagens tradicionais, haja vista a forte inclinação da linha de investigação com a prática crítica e reflexiva contemporânea nas ciências sociais e humanas. Historiadores e, principalmente, geógrafos expandiram o leque de temas que abordam e de disciplinas com as quais se relacionam, recorrendo a um conjunto amplo de teorias, adotando diversas perspectivas sobre a geografia histórica e, inclusive, buscando compreender a natureza e a finalidade da abordagem histórica na geografia.

Referências

- ABREU, M. de A. (2000) Construindo uma Geografia do Passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. *GEOUSP*, São Paulo, n. 7, p. 13-25.
- AUSDAL, S. Van (2006) Medio siglo de geografía histórica en Norteamérica. *História Crítica*, Bogotá, n. 32, p. 198-234.
- BAKER, A. R. H. (1987) Editorial: the practice of historical geography. *Journal of Historical Geography*, v. 13, n. 1, p. 1-2.
- _____. (1994) Environment, Space and Place: historical geography at the Annual Meeting of the Association of American Geographers, San Francisco, 29 March-2 April 1994. *Journal of Historical Geography*, v. 20, n. 4, p. 452-455.
- _____. (1997) "The Dead don't Answer Questionnaires": researching and writing Historical Geography. *Journal of Geography in Higher Education*, v. 21, n. 2, p. 231-243.
- _____. (2003) *Geography and History: Bridging the Divide*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (2007a) Classifying Geographical History. *The Professional Geographer*, v. 59, n. 3, p. 344-356.
- _____. (2007b) On the Significance of History for Geography: Historical Geography as Holistic (or Total) Geography. *Klaudyán – Internet Journal of Historical Geography and Environmental History*, v. 4, n. 1, p. 7-12.
- BRAUDEL, F. (1997) Géohistoire: la société, l'espace et le temps. In: AYALA, R.; BRAUDEL, P. (orgs.). *Les écrits de Fernand Braudel: Les ambitions de l'histoire*. Paris: Fallois, v. 2, p. 68-114.
- BUTLIN, R. (1993) *Historical Geography: Through the Gates of Space and Time*. New York: Routledge.
- CARNEIRO, P. A. S. (2013). *Do sertão ao território das Minas e das Gerais: entradas e bandeiras, política territorial e formação espacial no período colonial*. 392 f. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CLAVAL, P. (1981) Géographie historique. *Annales de Géographie*, v. 90, n. 502, p. 669-671.
- DAIX, P. (1999) *Fernand Braudel: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record.
- DARBY, H. C. (2002) *The Relations of History and Geography: Studies in England, France and the United States*. Exeter: University of Exeter Press.
- DENECKE, D. (1982) Applied historical geography and geographies of the past: historico-geographical change and regional processes in history. In: BAKER, A. R. H.; BILINGE, M. (eds.). *Period and place: Research methods in historical geography*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 127-135.
- DENNIS, R. (1991) History, Geography and Historical Geography. *Social Science History*, v. 15, n. 2, p. 265-288.
- DONKIN, R. A. (1997) A "servant of two masters"? *Journal of Historical Geography*, v. 23, n. 3, p. 247-266.
- DRIVER, F.; WYNN, G. (2008) Announcing the 14th International Conference of Historical Geographers. *Journal of Historical Geography*, v. 34, n. 4, p. 553-554.
- EARLE, C. (1995) Historical geography in extremis? Splitting personalities on the postmodern turn. *Journal of Historical Geography*, v. 21, n. 4, p. 455-459.
- GRAHAM, B.; NASH, C. (2000) *Modern Historical Geographies*. Harlow: Pearson Education.
- GUELKE, L. (1982) *Historical Understanding in Geography, An Idealist Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HARVEY, D. (2002) *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola.
- HEFFERNAN, M. (1997) Editorial: The future of historical geography. *Journal of Historical Geography*, v. 23, n. 1, p. 1-2.
- HOLDSWORTH, D. W. (2002) Historical geography: the ancients and the moderns – generational Vitality. *Progress in Human Geography*, v. 26, n. 5, p. 671-678.
- HOLDSWORTH, D. W.; KOBAYASHI, A. (1996) Historical geography in a post-colonial world-multiple voices (not) in search of theories: the Ninth International Conference of Historical Geographers, 1995. *Journal of Historical Geography*, v. 22, n. 2, p. 198-201.

- JONES, R. (2004) What time human geography? *Progress in Human Geography*, v. 28, n. 3, p. 1-18.
- KUČERA, Z. (2008) Historical geography between geography and historiography. *Klaudyán – Internet Journal of Historical Geography and Environmental History*, v. 5, n. 1, p. 5-13.
- LOURENÇO, L. A. B. (2007) *Das fronteiras do império ao coração da república: o território do Triângulo Mineiro na transição para a formação socioespacial capitalista na segunda metade do século XIX*. 306 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MCNEILL, J. R. (2003) Observations on the nature and culture of environmental history. *History and Theory*, v. 42, n. 4, p. 5-43.
- MITCHELL, J. B. (1954) *Historical geography*. London: English Universities Press.
- MITCHELL, R. D. (1987) The North American Past: Retrospect and Prospect. In: MITCHELL, R. D.; GROVES, P. A. (eds.). *North America: The Historical Geography of a Changing Continent*. Totowa: Rowman and Littlefield, p. 1-22.
- MYRES, J. L. (1953) *Geographical history in Greek Lands*. Oxford: Clarendon Press.
- NAYLOR, S. (2006) Historical geography: natures, landscapes, environments. *Progress in Human Geography*, v. 30, n. 6, p. 792-802.
- NORTON, W. (1984) *Historical analysis in geography*. London; New York: Longman, 1984.
- OGBORN, M. (1999) The relations between geography and history: work in historical geography in 1997. *Progress in Human Geography*, v. 23, n. 1, p. 97-108.
- RIBEIRO, G. (2008) *Espaço, Tempo e Epistemologia no Século XX: a Geografia na obra de Fernand Braudel*. 383 f. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- RUMNEY, T. A. (2005) Review of Alan R. H. Baker: "Geography and History: Bridging the Divide". *The Professional Geographer*, v. 57, n. 3, p. 481-482.
- SMITH, J. M. (2005) Review of Alan R. H. Baker: "Geography and History: Bridging the Divide". *H-HistGeog (H-Net Reviews)*, p. 1-3.
- STRATI, I.; MARSHALL, D. (2003) Historical Geography at the Annual Conference of the Royal Geographical Society-Institute of British Geographers, Queen's University, Belfast, 2-6 January 2002. *Journal of Historical Geography*, v. 29, n. 2, p. 273-275.
- WILLIAMS, M. (2002) Epilogue: Critique and evaluation. In: DARBY, Henry C. *The relations of history and geography: Studies in England, France and the United States*. Exeter: University of Exeter Press, p. 203-211.
- WYNN, G. (2005) D. W. Meinig and The Shaping of America. *Journal of Historical Geography*, v. 31, n. 4, p. 610-633.
- WYNN, G.; BAKER, A. R. H. (2007) Conference report: Thirteenth International Conference of Historical Geographers. *Journal of Historical Geography*, v. 33, n. 2, p. 429-430.
- WYNN, G.; DRIVER, F. (2010) Conference report: Historical Geography in Kyoto. 14th International Conference of Historical Geographers. *Journal of Historical Geography*, v. 36, n. 1, p. 105.